

**O PROFESSOR E SUA PRÁTICA FRENTE ÀS DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM EM SALA DE AULA**

Márcia Aparecida de Camargo Yamanaka¹
Josiane Peres Gonçalves²

RESUMO: Este estudo teve como objetivo refletir sobre a articulação entre a dificuldade de aprendizagem dos alunos no contexto escolar, as experiências adquiridas no estágio supervisionado e o confronto com o tema desenvolvido no Trabalho de Conclusão do Curso (TCC). A pesquisa bibliográfica baseia-se em discussões relativas aos fatores que interferem na aprendizagem e fundamenta o estudo que foi realizado na rede Estadual de Ensino Fundamental, na cidade de Naviraí/MS, de modo a compreender o porquê das dificuldades de aprendizagem em alguns alunos e o que poderá ser feito para sanar este problema. Percebe-se o quão importante é o papel do professor, perante a essa diversidade de fatores que influenciam direta ou indiretamente os alunos que fará o diferencial em sua vida, por esse motivo a necessidade do professor conhecer a realidade de seu aluno, para assim buscar estratégias que o ajude a desenvolver seu potencial.

PALAVRAS-CHAVE: Aluno; Desenvolvimento; Estágio Supervisionado.

**THE TEACHER AND HIS PRACTICE WITH THE DIFFICULTIES OF
LEARNING IN A CLASSROOM**

ABSTRACT: The purpose of this study was to reflect on the articulation between the students' learning difficulties in the school context, the experiences gained in the supervised stage and the confrontation with the theme developed in the Course Conclusion Work (CBT). The bibliographic research is based on discussions about the factors that interfere in learning and bases the study that was carried out in the State Elementary School network, in the city of Naviraí / MS, in order to understand the reason for the learning difficulties in some students and What can be done to remedy this problem. One can see how important the role of the teacher is in face of the diversity of factors that

¹ Graduada em Pedagogia pela universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS /CPNV) Campus de Naviraí. Aluna especial da disciplina de “Desenvolvimento, Gênero e Educação” do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus do Pantanal (UFMS/CPAN).

² Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus do Pantanal (UFMS/CPAN) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (UFMS/FAED). Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE).

influence directly or indirectly the students that will make the differential in their life, for this reason the teacher's need to know the reality of his student, Strategies to help you develop your potential.

KEY-WORDS: Student; Development; Supervised internship.

Introdução

No início da carreira docente, os professores em exercício inicial na escola passam muitas vezes momentos de dificuldades e dúvidas, principalmente em articular a teoria e prática que são o viés desse desenvolvimento profissional.

De acordo com Huberman (1995, p. 38), “[...] o desenvolvimento de uma carreira é um processo não uma série de acontecimentos [...]” que para cada indivíduo ocorre em diferentes segmentos, a dificuldade vista por uns pode nunca ser sentida por outros e é neste espaço escolar que ao iniciar uma carreira o professor enfrenta o choque de realidade que muitas vezes até acaba por abandonar a profissão, por não se sentir estruturado para arcar com total responsabilidade que é o aprender e o saber ensinar.

Antes mesmo do início da carreira, durante o processo de formação profissional, o estágio supervisionado desenvolve um papel fundamental por contribuir com a aquisição de novos conhecimentos relativos às práticas de sala de aula. É por meio dos estágios que os alunos de licenciatura têm a oportunidade de vivenciar experiências pedagógicas diversificadas, interagir com os alunos da educação básica e obter noções sobre a organização e gestão da escola. Porém, nem sempre essa preparação inicial dá conta de garantir uma inserção tranquila do novo profissional no contexto escolar, pois são muitas as dificuldades e desafios enfrentados durante a formação dos futuros professores, principalmente quando se refere à aprendizagem dos alunos.

Dessa forma, este estudo buscou relatar as experiências adquiridas no estágio curricular do Curso de Pedagogia da Universidade federal Mato Grosso do Sul (UFMS) com as dificuldades de aprendizagem, em uma sala de aula, em uma escola na cidade de Naviraí/MS, durante estágio supervisionado no Ensino Fundamental I e a pesquisa do TCC referente às dificuldades dos professores no início da docência. Como referencial teórico buscamos autores como Vygotsky (1998), Campos (2015), Leite (2008), Huberman

(1995), entre outros, para fundamentar esta pesquisa, que se configurou como relevante para nossa formação enquanto discentes.

Dificuldades da aprendizagem dos alunos! Por que ocorrem?

Em caracterização da dificuldade de aprendizagem temos várias influências, tanto biológicas, quanto psicológicas, mas por não ter um diagnóstico certo, muitas vezes acaba por ser entendida como um mau funcionamento fisiológico. São vários os fatores que interferem na aprendizagem dos alunos e o professor deve estar preparado para lidar com as dificuldades encontradas no ambiente escolar, porque nem tudo que se aprende nos cursos de licenciatura corresponde ao que se vivencia nas instituições educativas. Cada profissional apresenta uma trajetória pessoal e de formação diferente e, por meio da experiência adquirida na prática escolar, o futuro professor tem a possibilidade de enfrentar os problemas cotidianos e aprender com a diversidade dos alunos.

Num contexto escolar heterogêneo, é comum haver crianças que aprendem com facilidade e outras que apresentam dificuldades em algumas áreas. E esse é o maior desafio de um professor: criar condições para que os alunos aprendam, considerando as especificidades de cada um. Assim, torna-se necessário que os profissionais da educação criem ambientes facilitadores de aprendizagem e não permitam que as crianças, principalmente as que tenham algum tipo de dificuldade, sejam rotuladas.

Para Campos (2015), os rótulos geralmente são direcionados aos alunos que “não aprendem”, sendo que alguns desses discentes podem apresentar problemas de ansiedade, agitação e falta de atenção, devido a fatores como conflitos familiares e modo de vida pouco favorecido. Todas essas condições são caracterizadas como dificuldades de aprendizagem, podendo ser passageiras ou prolongadas, estando associadas a fatores externos à criança.

Porém existem situações mais severas, que se caracterizam como distúrbios de aprendizagem. Nesse sentido, Campos (2015, p. 128) salienta que “[...] distúrbio de aprendizagem é compreendido como o termo utilizado para explicar comprometimentos neurológicos que interferem na percepção e no processamento da informação pelo aluno, impedindo sua aprendizagem”.

De acordo com Fonseca (2007, p. 140), as dificuldades de aprendizagem estão relacionadas com o acúmulo de informações envolvendo “[...] o sujeito que aprende

(aluno) e a tarefa”. Mas, o autor também discorre sobre a existência de várias causas e consequências de problemas psicossociais, desde a infância, que podem gerar futuros problemas na idade escolar, como a pobreza, maus tratos, violência doméstica entre outros, como citado anteriormente, a influência familiar e algumas vezes social.

Vygotsky em sua concepção argumenta que “[...] a aprendizagem é um processo puramente exterior, paralelo ao processo de desenvolvimento, mas que não participa ativamente deste nem o modifica” (VYGOTSKY, 1998, p. 104). Percebemos então a complexidade deste assunto que muitas vezes foge de nosso entendimento, o que nos leva a refletir sobre a prática pedagógica, frente a essas diversidades de fatores em torno da aprendizagem e do desenvolvimento da pessoa.

Desse modo, as dificuldades de aprendizagem aparecem como fenômeno cultural, particular de cada pessoa, dentro do contexto em que está inserida. Para Fernández (1991, p. 20), “A aprendizagem é vista como um processo que se dá no vínculo entre o ensinante e o aprendente em uma inter-relação”. Nesse caso, rever a prática do professor poderá ser um avanço para sanar algumas dificuldades e possibilitar meios para que os alunos se desenvolvam integralmente, em seus aspectos físicos, cognitivos, emocionais e sociais.

A prática pedagógica e suas articulações

Atualmente muitos são os desafios encontrados pelos professores em sala de aula e, dessa forma, torna-se relevante ter o conhecimento necessário para atuar nesse espaço escolar e talvez o maior problema ainda de muitos profissionais da educação seja em articular a teoria e a prática.

Tardif (2002, p. 16) defende que “[...] o saber não se reduz, exclusiva ou principalmente, a processos mentais, cujo suporte é a atividade cognitiva dos indivíduos, mas é também um saber social que se manifesta nas relações complexas entre professores e alunos”. Percebemos que é nas experiências vivenciadas com o outro, no seu dia a dia, nas ações e descobertas, auxiliando o aprendiz, buscando estratégias é que as respostas para superar as dificuldades em sala de aula podem ser percebidas.

Para caracterizar a prática pedagógica Garcia (1999, p. 52) explana:

A aprendizagem direta, os estudos de processamento de informação e comparação entre especialistas e principiantes. A aprendizagem mediada (observação) o desenvolvimento dos conhecimentos durante os estágios de ensino. Aprendizagem tácita (experiência própria) [...] os elementos

dos conhecimentos práticos são: imagens, regras, princípios da prática, filosofia pessoal e metáforas.

Podemos notar que a experiência prática está em todo o percurso dos educadores, ao comparar, observar e é assim que o profissional adquire conhecimentos necessários para uma boa atuação. Se analisarmos, tudo faz parte de nosso cotidiano, muitas vezes defrontamos com várias situações onde percebemos que em todos os espaços existem dificuldades.

Mas em se tratando da aprendizagem dos alunos, os professores devem procurar uma maior interação entre si, sendo necessária talvez uma formação que auxilie o desenvolvimento dos conhecimentos adquiridos a partir das necessidades e desafios que o ensino como prática social lhes coloca no cotidiano. É necessário, pois rever sua metodologia de ensino, sem contar os fatores sociais, econômicos e políticos que envolvem a sociedade, que esses profissionais trazem em suas trajetórias de como conceder a educação. Nesse sentido Fonseca (1995, p. 72-73) destaca:

A falta de uma teoria sólida e coesa nos seus paradigmas e pressupostos e de uma taxonomia pormenorizada e compreensível é, assim, uma das razões que explicam a ambiguidade e a legitimidade das dificuldades de aprendizagem, daí que a criação e promulgação de serviços educacionais sejam, presentemente, muito restritas e ineficazes, porque não surge, nem se vislumbra um critério ou uma definição fidedigna e aquiescente. As dificuldades de aprendizagem representam um assunto conceitualmente confuso, decorrente de uma investigação teórico-prática ainda incipiente, contraditória e demasiado complexa nas suas variáveis e nos seus pressupostos.

Assim, tudo que cerca o futuro professor possui um determinado valor em relação ao desenvolvimento do seu aprendizado, podendo influenciar positivamente ou negativamente, dependendo da forma como vemos o que esta ao nosso redor, ocasionando a não aprendizagem de alguns alunos, que mesmo sem laudos são desatentos, desorganizados, muitas vezes demonstrando o mínimo interesse em querer aprender.

As dificuldades na aprendizagem em sala de aula

Os estágios supervisionados com observação e coparticipação, realizados durante o curso de graduação, serviram de base para: a) melhor compreender os assuntos discutidos na disciplina ofertada no último semestre do curso de Pedagogia da UFMS, intitulada “Ensino e Dificuldade de Aprendizagem no Contexto Escolar”; b) refletir sobre a articulação entre a prática pedagógica e as dificuldades de aprendizagem dos alunos; c) relacionar as experiências adquiridas no estágio com o tema do TCC, relativo às dificuldades vivenciadas por professores no início da docência.

Todas essas experiências obtidas mediante as discussões realizadas na disciplina de dificuldades de aprendizagem, os estágios supervisionados e a elaboração do TCC, resultaram na organização do presente estudo. Cabe ressaltar que para essa pesquisa foi considerada especificamente o estágio feito nos anos iniciais do Ensino Fundamental, por se tratar de um período em que as dificuldades dos alunos se tornam mais evidentes, visto que eles estão em fase de alfabetização e nem sempre conseguem acompanhar o que é ensinado.

O referido estágio aconteceu em uma escola pública no município de Naviraí/MS, no primeiro semestre de 2015. A professora regente da sala tinha dois cursos de graduação, com Especialização em Educação Infantil e Séries Iniciais, trabalhava há 15 anos com turmas de 3º ano do Ensino Fundamental e era considerada pelos alunos como uma professora firme e exigente.

Ao chegarmos à sala de aula nos oferecemos³ para auxiliar a professora que já estava ciente do estágio, mas ela não permitiu a nossa participação, deixou claro que era apenas para fazermos a observação da classe.

A sala estava tumultuada, podia até ser pela nossa presença, mas logo todos se acalmaram. Havia um aluno inquieto, desatento, não parava no lugar. Em determinados momentos ele subia em cima da carteira, atraindo as atenções toda para ele, a professora então chamava sua atenção e dizia que iria levá-lo para direção. Algumas vezes ela nos apontava, como se fosse a nossa presença que o deixava assim, evidenciando porque não gostava de ter estagiários em suas aulas.

Em alguns momentos o aluno se aquietava, mas minutos depois ele aprontava novamente. Durante as observações inúmeras vezes ele foi apontar o lápis, ele não copiava quase nada, até que chegou uma hora em que a professora não se importou mais e pediu

³ O estágio era realizado em dupla e tínhamos que observar e auxiliar a professora regente, conforme combinado com a escola anteriormente.

para que o aluno se retirasse da sala. Ele saiu e ficou sentado em um banco quase de frente com a porta da sala.

Em outra matéria com a professora de produção interativa (PI), esse mesmo aluno apresentou um comportamento diferente, mostrou-se participativo e fez tudo o que havia sido solicitado. Ao final da atividade, levou seu caderno até a professora para que ela verificasse se estava correto. O que chamou a atenção é que ele não tinha nenhum laudo médico, mas seu comportamento diante da professora regente não se mostrava satisfatório, enquanto que com a outra professora demonstrava maior interesse e comprometimento.

Talvez o que estava faltado para este aluno fosse um pouco mais de estímulo e incentivo. É fato que uma sala com trinta alunos é quase impossível dar atenção a todos, mas desconsiderá-lo pode resultar no desinteresse em querer aprender. Dessa forma, o menino não vê motivo para respeitar a autoridade da professora dentro da sala, mas se analisarmos pela ótica desse aluno, cabe uma reflexão: será que esse comportamento não era apenas para atrair a atenção da professora?

Tudo que sabemos sobre este aluno é que ele não possuía nenhum problema aparente, cursava o ano regularmente, nas aulas de outras professoras seu comportamento era tranquilo, não era repetente, só era desobediente nas aulas da professora regente. Provavelmente a docente devia ter buscado formas para se entender com o menino, já que o rotulava como “um caso perdido”. Entretanto, ela não nos deu abertura para explorar quase nada no contexto de sala de aula.

Na mesma turma foi possível perceber que tinha uma professora itinerante que acompanhava uma aluna com déficit de atenção, auxiliando a criança a encontrar as páginas do livro didático, a se localizar no que estava escrito na lousa e a fazer as atividades escolares. No entanto, em algumas situações de atraso, para ajudar a criança a terminar mais rapidamente, a itinerante copiava as atividades e entendia que a aprendizagem estava de acordo com o esperado. Segundo a itinerante, tudo estava sendo feito para que a aluna se desenvolvesse em seus estudos, porém percebemos que por se entender que a aluna tinha problemas de aprendizagem, o que ela aprendia era considerado suficiente, pelo que se esperava dela.

Segundo Campos (2015, p. 126), “[...] o rótulo de ‘problema ou distúrbio’ atribui a esses alunos a culpa pelo ‘seu fracasso’, e a deficiência passa a ser a principal causa do fracasso escolar, desconsiderando-se os inúmeros fatores envolvidos neste processo”.

Mas onde fica a responsabilidade da professora frente a esse “problema”? Será que este aluno não tem mais jeito? É aí que se percebe o quão é importante o papel da professora, que deve procurar estratégias para contornar esse impasse, estimulando criando situações que faça com que seu aluno se interessasse em suas aulas.

Mas os professores também necessitam de apoio da instituição e muitas vezes isso não acontece, como explana Fontana (2002, p. 109) “[...] quem, na escola, acompanha as buscas das professoras? Quem escuta o relato de suas dúvidas e a tomada de consciência de seu não-saber, assumindo a continuidade do seu processo de formação pelo/no trabalho?” Nem sempre existe esse tipo de colaboração.

Visto por este ângulo, talvez uma mudança de estratégia pudesse colaborar para a solução desse problema, se estiver direcionada a realidade do aluno. Nesse sentido, Coelho (1999 *apud* SPINELLO, 2014, p. 8) deixa sua contribuição quando explana que:

A prática do professor em sala de aula é decisiva no processo de desenvolvimento dos educandos. Esse talvez seja o momento do professor rever a metodologia utilizada para ensinar seu aluno, através de outros métodos e atividades ele poderá detectar quem realmente está com dificuldade de aprendizagem.

Por esse motivo, é necessário que os profissionais da educação e todos aqueles que direta ou indiretamente estejam relacionados com o desenvolvimento do aluno, necessitam de uma formação específica para que aprendam a perceber do que realmente seu aluno precisa e que busquem práticas pedagógicas voltadas para realidade de seus alunos. Além disso, é importante que conversem entre si sobre as crianças, talvez um conhecimento melhor sobre esse aluno explicasse toda essa desatenção, essa dificuldade de manter-se focado durante as aulas, que muitas vezes pode ser simplesmente para ter a atenção do professor sobre ele.

E de certa forma, acabam sendo discriminados por não se adequar ao sistema da instituição. Leite (2008, p. 28) ressalta “[...] a questão do desempenho escolar está sempre relacionada a que a escola espera e exige do aluno”. Nos estudos de Campos (2015), também se observa que “[...] as mais diversas deficiências ou dificuldades têm sido atribuídas ao aluno, através da utilização excessiva e indiscriminada de rótulos”. O autor acredita que a utilização dos rótulos na escola dificulta a aprendizagem dos alunos e contribuem para o seu rendimento insatisfatório. Assim Campos (2015, p. 126) explana que: “[...] Ao atribuímos deficiências - emocionais, cognitivas, motoras, perceptuais - aos

alunos, transferimos a responsabilidade pelo desempenho escolar ao próprio aluno, retirando da sociedade, da escola e do professor a responsabilidade pelo sucesso dos alunos”.

Nesse caso percebe-se claramente a incompetência do fracasso escolar é toda atribuída ao aluno, e os rótulos acabam sendo constantemente utilizados, sem se dar conta de quão prejudicial ele é para o ser humano que o recebe, refletimos como será que fica a cabeça de um aluno quando ouve que ele não tem mais jeito!

De acordo com Campos (2015, p.129), “O processo diagnóstico do aluno ‘distúrbio de aprendizagem’ não é algo simples”. No entanto, muitas vezes, o (a) professor (a) em sala de aula suspeita de que algo não está bem com um aluno e o rotula de ‘distúrbio de aprendizagem’.

Esse tipo de reforço negativo que muitos colocam até mesmo sem se dar conta disso é algo desnecessário, que não deveria ser permitido em espaço algum, muito menos dentro de uma instituição de ensino, que deveria ser passados valores, respeito, pois estão formando cidadãos, como diz a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/96) no seu Art.2º que: “A educação, dever da família e do Estado, inspirado nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1996).

O aluno deve ser educado dentro destes princípios na escola, e para que isso ocorra é necessário haver articulação com a família, com a intenção de entender as possíveis causas e diagnóstico. Ao perceber que algo não está bem com a criança, o melhor a fazer é procurar soluções para o problema.

Com base nesse estudo, compreendemos o quão é importante o processo formativo do professor, porque é na escola que o aluno tende a desenvolver situações de aprendizagem, mesmo na ausência de um transtorno específico e para isso “[...] do ponto de vista do “aprender a ensinar”, os professores passam por diferentes etapas, as quais representam exigências pessoais, organizacionais, psicológicas, específicas e diferenciadas” (GARCIA, 1999, p. 112). Assim o importante não é só saber os sintomas, mas saber trabalhar com a realidade.

Dessa forma, percebemos que as dificuldades de aprendizagens existem por vários fatores, que devem ser analisados rigorosamente, porque para um professor a melhor coisa que possa existir é ver todos seus alunos desenvolvendo. Assim, ele deveria ser um dos

primeiros a tentar identificar o problema, procurando articulações com os pais, com os outros educadores e a necessidade de se conhecer bem a realidade de seu aluno, para saber se ele passa por dificuldades financeiras, problemas em família, como é sua socialização com os colegas na sala de aula, fazendo um diagnóstico envolvendo várias situações como vemos que são causas. De acordo Ciasca (1991), citado por Campos:

[...] identificadas, de um modo geral, algumas comuns, como déficit de atenção, falhas no desenvolvimento e nas estratégias cognitivas para a aprendizagem, dificuldades na habilidade motora, dificuldade perceptual problemas no processamento da informação recebida, dificuldade na linguagem oral e escrita, dificuldade na leitura, dificuldade em raciocínio matemático e comportamento social inapropriado (CIASCA, 1991 *apud* CAMPOS, 2015 p. 129).

Perante a essa diversidade de fatores que influenciam direta ou indiretamente os alunos e é justamente o tipo de conhecimento que recebe essa sua interação com o meio que está inserido, com os outros alunos e com o professor que fará o diferencial de sua vida, a forma como ele irá se relacionar futuramente, ou seja, o seu conhecimento de mundo.

Considerações Finais

Com base em tudo que foi estudado a respeito das dificuldades de aprendizagem, dos fatores a ela associada e como é importante o papel do professor frente às inúmeras dificuldades que interferem o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, podemos perceber que o incentivo do professor pode fazer com que seu aluno avance as barreiras que o impede de aprender.

E que o estágio supervisionado é importante para nosso aprendizado, que nos faz refletir sobre nossa formação e nos ajuda a uma melhor compreensão a respeito da realidade de uma sala de aula. São muitos os desafios dentro de uma sala e para que aconteça o aprendizado do aluno depende muito mais do professor, porque parte dele buscar um planejamento voltado para a realidade de seu aluno, procurar uma forma concreta de apresentar a eles o resultado do que está sendo passado, fazer com que o aluno pense. É necessário ensinar a pensar, mostrar todos os caminhos possíveis para que ocorra a compreensão e que eles passem a interessar cada vez mais pelas aulas e busquem cada vez mais querer aprender.

Para que isso ocorra com sucesso ou de alguma forma possa ter um resultado positivo, deve haver muito empenho e a colaboração uns dos outros, procurando novos meios para transmitir os conteúdos de uma maneira estratégica, procurar conhecer a realidade do aluno, do porque de seu comportamento, talvez trabalhando com sua realidade, buscando não tratá-lo de maneira diferenciada, seja um passo para mudar essa realidade.

Essa situação pode ser o diferencial na vida do aluno, que vai se sentir aceito, acolhido e estimulado a aprender. É muito importante essa articulação entre os pais e todos os demais envolvidos na escola, porque a sociedade, de uma maneira geral, acaba muitas vezes empurrando o jovem para caminhos que pode não ter volta, afastando-os da escola. Assim, esses alunos evadidos acabem, em diversas situações, se envolvendo com problemas ainda maiores, aumentando ainda mais o fluxo de alunos desistentes e por consequência o aumento do fracasso escolar.

Por esse motivo, o melhor que cada um de nós podemos fazer é procurar cada vez se aperfeiçoar para transmitir com segurança tudo que for preciso para que ocorra o aprendizado.

É essencial destacar que o professor desempenha um papel muito relevante, por mediar os conhecimentos e mostrar que nem todos aprendem do mesmo modo, mas que todos têm seu potencial a desenvolver. Dessa forma, é possível afirmar que ser professor é um desafio a cada dia, e ele tem que se manter firme sendo a ponte que levará o aluno a vencer as barreiras que o faz diferente, tudo é possível na educação desde que conhecemos a realidade do que está sendo proposto e para quem, refletir sobre o outro é refletir sobre a si mesmo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

CAMPOS, L. M. L. **Rotulação de Alunos Como Portadores de "Distúrbios ou Dificuldades de Aprendizagem"**: Uma Questão a ser Refletida. Depto. de Educação Especial da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp - Marília. SP. 2015. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p125-140_c.pdf>. Acesso em: 21 Out. 2016.

FERNÁNDEZ, A. **A inteligência aprisionada.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. 261p.

FONSECA, V. Dificuldade de Aprendizagem: Na Busca de Alguns Axiomas. **Rev. Psicopedagogia**. Universidade Técnica de Lisboa, Portugal, 2007. Disponível em: <<http://www.revistapsicopedagogia.com.br/download/74.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2016.

FONSECA, V. **Dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FONTANA, R. C. Trabalho e subjetividade. Nos rituais da iniciação, a constituição do ser professora. **Cadernos Cedes**, ano XX, nº. 50, abr., 2002.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2000.

LEITE, V. A. M. **Dimensões da não Aprendizagem**. Editora: IESDE - Edição: 1. 2008.

GARCIA, C. M. **Formação de Professores: para uma mudança educativa**. (Coleção Ciência da Educação – século XXI). Porto: Porto Editora, 1999.

SPINELLO, M. C. As Dificuldades de Aprendizagem Encontradas na Educação Infantil. REI- **Revista de educação do IDEAU**. Vol.9. nº 20. Julho-Dezembro 2014. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/dificuldadeaprendizagem> >. Acesso em: 21 out. 2016.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação social da mente**. 6ª. ed. Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1998.